

Roma, 06 - 10 / 05 / 2019



Sowers of Prophetic Hope  
Seminatrici di speranza profetica  
Säerinnen Prophetischer Hoffnung  
Sembradoras de esperança profética  
Semeuses d'espérance prophétique  
Semeadoras de esperança profética



## Semeadoras de esperança profética: O apelo ao diálogo inter-religioso

**Prof. Donna Orsuto**

*Originalmente de Ohio, Donna Orsuto é a co-fundadora e diretora do Centro de Leigos da Foyer Unitas (www.laycentre.org). Ela também é professora no Instituto de Espiritualidade da Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, Itália, e Professora Adjunta da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade de Santo Tomás de Aquino (Angelicum). Ela dá palestras e orienta retiros em várias partes do mundo. Está envolvida no diálogo ecumênico e inter-religioso, tendo atuado como consultora do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e como membro da Comissão para o Ecumenismo e o Diálogo da Diocese de Roma. Em 7 de outubro de 2011, o Papa Bento XVI nomeou-a uma dama da Pontifícia Ordem Equestre de São Gregório Magno.*

*Original em Francês*

“Aqui estamos nós, você e eu, e espero que um terceiro, Cristo, esteja em nosso meio”.  
Aelred of Rievaulx, *Amizade Espiritual*

“O diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo, e, portanto, é um dever para os cristãos, bem como para outras comunidades religiosas”.  
Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 250

“Quando escolhemos a esperança de Jesus, descobrimos que o modo de vida bem-sucedido é o da semente... para dar vida, não para preservá-la.”  
Papa Francisco, *Audiência de quarta-feira*, 12 de abril de 2017

Obrigada pelo convite para refletir com vocês sobre o tema “*Semeadoras de esperança profética: o apelo ao diálogo inter-religioso*”. Gostaria de começar com uma imagem que vocês veem projetada na tela. Intitulada “Seguidores de Deus”, foi pintada em 1978 pela artista francesa Dolores Puthod.<sup>1</sup> Representa o Papa Paulo VI na praça de São Pedro com os braços erguidos para receber vários líderes religiosos. Tal encontro realmente nunca aconteceu naquele ano<sup>2</sup> e se vocês lerem os documentos oficiais da Igreja, focados no diálogo inter-religioso em 1978, vocês teriam que dizer que tal encontro do Santo Padre no Vaticano com líderes de religiões do mundo

<sup>1</sup> Para ver a cópia desta imagem, clique aqui:

<https://www.google.com/search?q=followers+of+god+puthod&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKewjy16n-krnhAhWFyKQKHS5PDQAQsAR6BAgJEA&biw=1440&bih=757#imgdii=tLny2VjRZJzCM:&imgrc=CwqPAAG1G--fUM>

<sup>2</sup> Foi somente em 1986 que um Papa se encontrou líderes de religiões mundiais dessa maneira - e o encontro histórico entre São João Paulo II e líderes religiosos ocorreu não em Roma, mas em Assis. Um encontro inter-religioso teve lugar na Praça de São Pedro, mas apenas em 1999, em preparação para o Grande Ano Jubilar de 2000.

teria parecido quase impensável. É verdade que *Nostra Aetate* tinha sido promulgada, e Paulo VI tinha chamado para o diálogo em *Ecclesiam Suam* e estava praticando ele mesmo em suas viagens apostólicas, mas o momento, talvez, ainda não estivesse maduro para os líderes das religiões do mundo serem acolhidos no Vaticano. No entanto, ao longo dos anos, muitas pessoas tiveram a coragem profética de deixar sua imaginação imaginar um futuro diferente daquele do passado. Ao longo do caminho, essas mulheres e homens trabalharam com calma, gentileza e paciência para transformar esse sonho em realidade. *Hoje, essas reuniões entre o papa e líderes de outras religiões são consideradas normais no Vaticano e em viagens apostólicas.* Um exemplo recente são as visitas do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos e ao Marrocos<sup>3</sup>. *Uma marca registrada de seu pontificado é um diálogo de fraternidade com pessoas de outras religiões.*

As sementes da abordagem de Francisco ao diálogo foram semeadas durante o Concílio Vaticano II. Elas foram alimentadas durante os pontificados de Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI. Reconhecer essa progressão é importante porque nos encoraja à medida que abraçamos nosso chamado para nos envolvermos no diálogo inter-religioso. Somos convidadas a caminhar juntas em comunhão com os líderes da Igreja. Como diz o provérbio africano: “Se você quer ir rápido, caminhe sozinho. Se você quiser ir longe, caminhe junto”.

A primeira parte desta apresentação destacará algumas das principais percepções do Magistério durante estas décadas de diálogo que nos ajudam a compreender o contexto do nosso chamado a ser proféticas semeadoras de esperança hoje, através da nossa participação no diálogo inter-religioso. Na segunda parte, tentarei responder às perguntas: por que o Papa Francisco vai ao encontro de pessoas de outras religiões? Por que devemos fazer o mesmo? Como podemos nos tornar semeadoras de esperança profética ao aceitarmos esse chamado para nos envolvermos no diálogo inter-religioso?

## I. Da *Nostra Aetate* ao Papa Francisco

Uma âncora para o nosso apelo contemporâneo ao engajamento no diálogo inter-religioso é a Declaração do Concílio Vaticano II “*Nostra Aetate*”.<sup>4</sup> Este documento dinâmico (e eu diria profético e corajoso) de 1965 não foca o diálogo de maneira abstrata, mas nos lembra que o encontro entre os povos está no centro do diálogo. O objetivo deste encontro é crescer na compreensão mútua. Por exemplo, especificamente no que diz respeito ao diálogo cristão/ Muçulmano, *Nostra Aetate* 3, afirma,

Ao longo dos séculos, surgiram muitas brigas e discórdias entre Cristãos e Muçulmanos. O sagrado Concílio agora pede a todos que esqueçam o passado e insiste que se faça um esforço sincero para alcançar o entendimento mútuo (NA 3).

Uma das maneiras de crescer na compreensão mútua é através da participação no diálogo inter-religioso.

A primeira encíclica de Paulo VI, *Ecclesiam Suam*, um documento que influenciou muito o Papa Francisco,<sup>5</sup> ainda tem muito a dizer sobre o diálogo em geral, que também pode ser aplicado particularmente ao intercâmbio inter-religioso.

Para Paulo VI, *entramos em diálogo porque nossa experiência do amor de Deus nos encoraja a fazê-lo. Fomos criados à imagem e semelhança de Deus - Pai, Filho e Espírito Santo - para a comunhão e o diálogo.* A história da salvação é o desdobramento desse diálogo. A história da salvação narra exatamente esse longo e mutável diálogo. É uma conversa de Cristo com a humanidade. É acima de tudo um diálogo de amor, pois é assim que Deus é conhecido. Honramos e servimos a Deus compartilhando esse amor com os outros. O diálogo autêntico não pode existir sem amor.

---

<sup>3</sup> Veja o importante documento, um resultado da visita Apostólica do Papa Francisco a Emiratos Árabes Unidos: *Fraternidade Humana para a Paz no Mundo e Trabalharmos Juntos*: [https://w2.vatican.va/content/francesco/en/travels/2019/outside/documents/papa-francesco\\_20190204\\_documento-fratellanza-umana.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/en/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html).

<sup>4</sup> Para uma visão geral, veja Michael L. Fitzgerald, “*Nostra Aetate*, uma Chave para o Diálogo Inter-Religioso” *Gregorianum* 87, n. 4 (2006): 699-713. <http://www.jstor.org.proxy.library.georgetown.edu/stable/23581614>.

<sup>5</sup> Veja Pierre de Charentenay, *À Raiz do magistério de Francisco: A atualidade da Ecclesiam Suam e da Evangelii Nuntiandi* (Vatican City: LEV, 2018).

Em *Ecclesiam Suam*, Paulo VI sugere que existem quatro características-chave do diálogo<sup>6</sup>. Embora tenham sido sublinhados há mais de cinquenta anos, são imensamente úteis para hoje e valem a pena lembrar. Em primeiro lugar, o diálogo deve ser marcado pela *clareza* [*Primum omnium perspicuitate colloquium praestae aequum est.*] Minha linguagem é compreensível, aceitável e bem escolhida quando entro em diálogo com os outros? Pode-se acrescentar que a clareza também implica um claro senso de identidade pessoal. Por exemplo, nos últimos vinte e cinco anos, tive o privilégio de morar com pessoas de várias origens religiosas: irmãs e irmãos judeus, muçulmanos, budistas e hindus. Ao viver esse diálogo da vida cotidiana, seria um desrespeito para eles fingir que viver minha fé como cristão católico romano não é fundamental para quem eu sou. Da mesma forma, suas crenças e práticas religiosas são parte integrante de suas vidas e merecem ser respeitadas. É precisamente porque somos claros sobre a nossa identidade religiosa pessoal que podemos realmente entrar em diálogo.

A segunda característica sugerida por Paulo VI é a *mansidão* (*lenitas*). A mansidão geralmente não é falada muito hoje, mas é uma atitude vital para um diálogo genuíno. Percebo que, com frequência, em traduções inglesas de *Ecclesiam suam*, é usada a palavra *humildade* em vez de mansidão. O exemplo de ambas essas atitudes é o próprio Cristo que é “manso (*mitis*) e humilde (*humilis*) de coração” (Mt 11, 29). Os mansos estão livres da altivez e do ressentimento, mesmo quando têm sofrido dano ou repreensão. A mansidão é incompatível com métodos violentos de agir (seja físico ou psicológico). Ela evoca uma gentileza que significaria que ninguém jamais imporá ou forçará a si mesmo ou a um modo de vida a outro.<sup>7</sup> Quando realmente vivemos essa bem-aventurança (Mt 5, 4), também aprendemos a não nos levar tão a sério. Começamos a reconhecer que a providência de Deus está operando de formas surpreendentes em nossas vidas e isso, conseqüentemente, flui para a nossa atitude em relação ao diálogo.<sup>8</sup>

A terceira característica é *ter confiança ou confiar em* (*fiducia*). Isso implica não apenas a confiança nas próprias palavras, mas também o reconhecimento da boa vontade de ambas as partes envolvidas no diálogo. A confiança nos permite falar a verdade uns aos outros com franqueza, mas esta verdade é sempre falada com caridade (Ef 4,15).

A quarta característica é a prudência (*prudencia*), que nos encoraja a nos adaptarmos àqueles e àquelas que nos rodeiam. Significa aprender as sensibilidades de seu público”. Isso nos encoraja a aprender verdadeiramente a ouvir o outro, a outra. É, no entanto, uma escuta que exige ouvir algumas vezes as palavras por trás das palavras, como um dos meus amigos gosta de dizer. O que as pessoas estão tentando comunicar é muitas vezes velado. Atrás de uma palavra desajeitada pode estar escondido um gesto de amor. Uma palavra irada pode mascarar a dor e o sofrimento. Uma palavra tímida pode ser um grito por amor e aceitação. Até que aprendamos a ouvir as palavras por trás das palavras, nosso diálogo nunca alcançará o nível de profundidade que leva à transformação de nós mesmas e dos outros. Isso não é fácil porque muitas vezes estamos tentando formular nossa resposta, mesmo quando a outra pessoa está falando. Penso que as primeiras linhas da Regra de São Bento ajudam a descobrir como aprender a ouvir. No prólogo, São Bento diz: “Ouça com atenção...às instruções do mestre, e atenda com a atenção do seu coração”.<sup>9</sup> Primeiro, há um convite para “ouvir com atenção” (*obsculta*) e, segundo, há um apelo para ouvir o outro com “o ouvido do seu coração”, “*inclina aurem cordis tui*”.

João Paulo II foi profundamente influenciado pela *Ecclesiam Suam* e pôs em prática o que Paulo VI disse sobre o diálogo.<sup>10</sup> Ele destemidamente e profeticamente forjou um caminho para uma maior compreensão com pessoas de outras religiões. Quem pode esquecer essa histórica reunião de 1986, em Assis, onde se encontrou

---

<sup>6</sup> Para a descrição das quatro características do diálogo, veja *Ecclesiam suam* 81.

<sup>7</sup> Cf. “Mansidão” no Dicionário Bíblico, editado por Xavier Léon-Dufour (Boston: St. Paul Multimedia, 1995<sup>3</sup>), que sugere que no Antigo Testamento, Moisés é um modelo de mansidão que não se baseou na fraqueza, mas na submissão a Deus. Moisés foi dócil e confiou no amor de Deus (Nm 12,13, Si 45, 4; 1,27) e conseqüentemente foi manso para com os outros, particularmente para os pobres (Si 4, 8). No Novo Testamento, Jesus revela a mansidão de Deus (Mt 12,18).

<sup>8</sup> Cf. Simon Tugwell, *Reflexões sobre as Bem-Aventuranças* (London: Darton, Longman and Todd, 1980), esp. Capítulo Quarto (pp. 29-41), que está focado na mansidão.

<sup>9</sup> *Regra de Bento 1980*, Prologus, “*Obsculta, o fili, praecepta magistri, et inclina aurem cordis tui...*” Edited by Timothy Fry et Al. (Collegeville: The Liturgical Press, 1981), p. 156.

<sup>10</sup> Para uma excelente visão geral, ver John Borelli, “João Paulo II e o Diálogo Inter-Religioso”. Em *New Catholic Encyclopedia Supplement*, Volume Jubileu: *Os Anos Wojtyla*, editado por Polly Vedder, 81-88. Detroit, MI: Gale, 2000. Gale Virtual Reference Library (acessado em 2 de fevereiro de 2019).

pela primeira vez com líderes religiosos de todo o mundo? E, em 1999, ele organizou uma reunião semelhante, uma Assembleia Inter-religiosa, na Praça de São Pedro.<sup>11</sup>

Em sua Exortação Apostólica, *Redemptoris Missio*, João Paulo II também nos lembrou que o diálogo e a proclamação estão intrinsecamente interligados e se apoiam mutuamente.<sup>12</sup> Ele também distingue vários tipos de diálogo. O primeiro tipo de diálogo que provavelmente vem à sua mente é o chamado *diálogo de especialistas ou de intercâmbio teológico*. Este diálogo oficial é realizado globalmente, através do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e localmente, através de diálogos regionais organizados pelas conferências e dioceses dos Bispos. Nos últimos anos, o círculo de participantes, na maioria dos casos, pelo menos internacionalmente, ampliou-se para incluir mulheres, incluindo religiosas, que também trazem sua experiência para a mesa e participam plenamente tanto do diálogo quanto da redação de textos oficiais<sup>13</sup>. Existem outras formas e expressões de diálogo, incluindo o diálogo da vida, o diálogo da ação e o diálogo da experiência religiosa.<sup>14</sup> O Papa Francisco falou recentemente de um diálogo de fraternidade, mas mais sobre isso depois! Um ponto é claro: *O diálogo inter-religioso não é uma atividade opcional na Igreja*. Eu diria até que o diálogo deveria ser um estilo de vida *para todos nós*.

Foi sugerido que, se o Papa João Paulo II plantou as sementes para promover o diálogo, o Papa Bento XVI podou as plantas<sup>15</sup>, e o Papa Francisco as teria colhido. Seria além do objetivo desta reflexão breve focar nas várias dimensões da abordagem do Papa Bento XVI sobre o diálogo. Gostaria de mencionar apenas um ponto de seu pontificado: o papel importante que ele dá ao cultivo da amizade com pessoas de outras religiões. Se você ler seus discursos sobre o diálogo inter-religioso, o tema da amizade emerge consistentemente.

A amizade é também uma dimensão importante para a abordagem do Papa Francisco às pessoas de outras religiões. Sua abordagem é melhor compreendida no contexto de seu convite para criar uma cultura de encontro. Ele explica:

Para mim esta palavra é muito importante. Encontro com os outros. Por quê? Porque a fé é um encontro com Jesus e devemos fazer o que Jesus faz: encontrar os outros. Vivemos numa cultura de conflito, uma cultura de fragmentação, uma cultura... de resíduos. (...) [Nós] devemos criar uma 'cultura de encontro', uma cultura de amizade, uma cultura na qual encontramos irmãos e irmãs, na qual também podemos conversar com aqueles e aquelas que pensam de maneira diferente, assim como aqueles e aquelas que mantenham outras crenças, que não tenham a mesma fé. Todos eles, todas elas têm algo em comum conosco: são imagens de Deus; eles são filhos de Deus.<sup>16</sup>

Esta citação traz dois pontos importantes. Primeiro de tudo, encontrar os outros é o modo de ser e agir de Jesus. Na raiz do nosso encontro com os outros está a profunda experiência que cada um de nós teve de um encontro com Cristo. Como cristãs, somos convidadas a dialogar com os outros, mas sempre com uma terceira pessoa, Cristo, que está sempre presente. Como Aelred de Rievaulx certa vez escreveu em seu livro clássico, *Amizade Espiritual*, “Aqui estamos nós e você, e espero que um terceiro, Cristo, esteja em nosso meio”.<sup>17</sup> Cristo é o

---

<sup>11</sup> Sobre a Assembleia Inter-Religiosa, veja *Pró Diálogo* 2000, pp.7-16.

<sup>12</sup> Ver João Paulo II, *Redemptoris Missio*, 55: “O diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja. Entendido como método e um meio de conhecimento e enriquecimento recíprocos, o diálogo não se opõe à missão ad gentes; na verdade, tem ligações especiais com essa missão e é uma das suas expressões...”

À luz da economia da salvação, a Igreja não vê conflito entre a proclamação de Cristo e o diálogo inter-religioso. Em vez disso, ela sente a necessidade de ligar os dois no contexto de sua missão ad gentes. Esses dois elementos devem manter sua conexão íntima e sua distinção; portanto, não devem ser confundidos, manipulados ou considerados idênticos, como se fossem intercambiáveis”.

<sup>13</sup> Por exemplo, as mulheres participaram, ainda que em números limitados, dos diálogos oficiais organizados pelo Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso. Um bom ponto de partida é revisar os vários volumes do *Pro Dialogo* que regularmente listam vários diálogos e às vezes incluem os nomes dos participantes.

<sup>14</sup> João Paulo II menciona estes tipos de diálogo em *Redemptoris Missio* 11.

<sup>15</sup> Veja o artigo equilibrado de Emil Anton. “Missão Impossível? Papa Bento XVI e o Diálogo Inter-religioso.” *Estudos Teológicos* 78.4 (2017): 879 – 904.

<sup>16</sup> Papa Francisco, vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais, 18 de maio de 2013.

[http://w2.vatican.va/content/francesco/en/speeches/2013/may/documents/papa-francesco\\_20130518\\_veglia-pentecoste.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/en/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html)

Veja também Diego Fares, *O Coração do Papa Francisco*. Como uma Nova Cultura do Encontro está Mudando a Igreja e o Mundo (Nova York: The Crossroad Publishing Company) [A Herder & Herder Book], 2015), p. 17

<sup>17</sup> Aelred of Rievaulx, *Amizade Espiritual* (Kalamazoo, Michigan: Cistercian Publications, 1977), p. 51.

fundamento, o centro e o fim de todo o diálogo com os outros. Em nosso diálogo com os outros, somos convidadas a buscar e reconhecer o rosto de Cristo em nosso meio.

Em segundo lugar, o Papa Francisco nos lembra que todos temos algo em comum: somos todos criados à imagem e semelhança de Deus. Uma consequência deste ensinamento é que somos todos irmãos e irmãs uns dos outros. Somos chamadas a "estar lá" um pelo outro.<sup>18</sup> Somos "seres de encontro".<sup>19</sup>

Nesta primeira seção, estabeleci brevemente o contexto de por que o diálogo é parte integrante de nosso chamado como cristãos. Vimos que não é uma atividade opcional para nós. Como religiosas chamadas a ser sementeiras de esperança profética, vocês são convidadas a aceitar este apelo. Você pode perguntar, especialmente no contexto de muitos outros desafios que enfrenta, *por que devemos seguir o exemplo do Papa Francisco e nos comprometer com o diálogo inter-religioso?* Como podemos nos preparar para acolher esse apelo? Quais são alguns passos práticos que podemos dar para responder de maneira profética a esse apelo? Este será meu foco na segunda parte desta reflexão.

## **II. Tornar-se testemunhas Proféticas da Esperança**

Mesmo se deixarmos de lado os documentos oficiais do Magistério, precisamos apenas navegar nas mídias sociais para perceber a urgência de envolver os outros no diálogo. Com tantos conflitos no mundo hoje, simplesmente não temos o luxo de ficar de pé e fingir que o diálogo não nos diz respeito. *Todas nós somos co-responsáveis pela missão da Igreja no mundo e todas somos chamados a ser protagonistas do diálogo inter-religioso.* Como o Papa Francisco disse, "O diálogo é uma condição necessária para a paz no mundo e por isso é um dever para os cristãos assim como para outras comunidades religiosas".<sup>20</sup> Cada uma de nós pode fazer a diferença, se somos corajosas e proféticas o suficiente para nos arriscar a engajar o "outro". *Nós nos engajamos em diálogo inter-religioso simplesmente porque precisamos.*

Nesta seção, gostaria de propor cinco maneiras práticas de se engajar no diálogo inter-religioso, hoje.

***Primeiro, reconheçam que muitas de vocês já estão diretamente envolvidas no diálogo inter-religioso e fortaleçam esses relacionamentos.***

Muitas de suas congregações religiosas já estão lançando sementes de esperança profética: suas escolas, hospitais e instituições atendem pessoas de outras religiões e vêm fazendo isso há anos. Muitas de vocês trabalharam lado a lado com pessoas de outras religiões nos seus apostolados. O impacto que vocês tiveram não pode ser subestimado. Eu ouvi recentemente sobre como, por exemplo, na Palestina, uma congregação religiosa, que cuida de crianças com deficiências de diferentes origens religiosas e culturais, criou um ambiente onde se tornou normal que pais e filhos de diferentes religiões se reunissem para as celebrações de aniversários. Isso pode parecer um pequeno gesto, mas tal compartilhamento transforma uma cultura de desconfiança numa cultura de encontro.

Muitas Religiosas têm mostrado solidariedade com pessoas de outras religiões em situações angustiantes de sofrimento. Em países devastados pela guerra, muitas religiosas optaram por permanecer nos países. Penso, por exemplo, nos 19 mártires argelinos recentemente beatificados, entre os quais havia seis religiosas.

Ao reconhecer e agradecer a Deus pelo que você já está fazendo, você também pode fazer a pergunta: existem maneiras de fortalecer os laços que já estão presentes?

***Em segundo lugar, aproxime-se de seus vizinhos***

---

<sup>18</sup> Veja o artigo equilibrado de Emil Anton. "Missão Impossível? Papa Bento XVI e Diálogo Inter-religioso." *Theological Studies* 78.4 (2017): 879–904.

<sup>19</sup> Farres, p. 22, citando Francisco.

<sup>20</sup> Francisco, *Evangelii Gaudium*, 250.

O Papa Francisco nos encoraja a não apenas encontrar os outros, mas a forjar relações de amizade com eles. Concretamente, isso significa que não devemos esperar que a tragédia atinja - um ataque terrorista ou um desastre natural aconteça - para estender a mão aos outros. Precisamos fazer a pergunta agora: quem é meu vizinho? Quem são as pessoas de outras religiões no meu bairro, na minha cidade? Embora especialistas médicos possam não concordar hoje, talvez possamos aplicar o conselho de Aristóteles de que a amizade leva tempo e, portanto, como diz o provérbio, precisamos comer uma pitada de sal juntas. Nós não precisamos tomar o provérbio literalmente, mas tudo o que a comunhão sugere é necessário para o diálogo inter-religioso.<sup>21</sup> Há algo de sagrado sobre hospitalidade e comunhão ao redor da mesa que quebra barreiras e abre a comunicação. Não é de se surpreender que os Evangelhos frequentemente retratem Jesus à mesa com os outros e que é no contexto de uma refeição que Jesus escolheu marcar o dom de si para nós na Eucaristia.<sup>22</sup> Praticamente, isso pode significar saber quando as festas religiosas de meus vizinhos são celebradas e ir ao encontro deles para convidá-los, talvez convidá-los para uma refeição ou se juntar a eles para comemorar. Eu conheço mulheres religiosas em países onde elas são uma minoria que regularmente se juntam a famílias muçulmanas para Iftar, a festa diária que quebra o jejum do Ramadã.

### ***Terceiro, desvende o medo através do conhecimento: aprenda mais sobre pessoas de outras religiões e suas crenças***

As religiosas têm uma responsabilidade particular de promover um amor que elimina o medo. Alguns estudiosos dizem que a frase “não tenha medo” aparece de uma maneira ou de outra 366 vezes na Bíblia, uma para cada dia do ano, incluindo o ano bissexto! Vemos que uma cultura de encontro e diálogo floresce quando as pessoas não estão paralisadas pelo medo. É preciso uma coragem incrível para se arriscar a ir ao encontro do outro, especialmente depois de experiências de violência extrema, mas quando as pessoas tiveram a coragem de transcender seus medos e arriscar-se a ir ao encontro do outro, os resultados foram transformadores.

Uma das formas de combater o medo é através de um conhecimento mais profundo do outro. O conhecimento pode erradicar as falsas percepções que podemos ter deles e de sua religião. Por esta razão, o Papa Francisco destaca a importância de uma formação adequada, especialmente para promover o diálogo, por exemplo com os muçulmanos. Ele diz,

A fim de sustentar o diálogo com o Islã, a formação adequada é essencial para todos os envolvidos, não apenas para que eles possam se apoiar solidamente em sua própria identidade, mas também reconhecer os valores dos outros, apreciar as preocupações subjacentes às suas demandas e lançar luz sobre crenças compartilhadas. Nós, cristãos, devemos abraçar com afeição e respeitar os imigrantes muçulmanos em nossos países da mesma maneira que esperamos e pedimos para sermos recebidos e respeitados em países de tradição islâmica. (Evangelii Gaudium, 253)

Embora muitas em suas congregações já estejam envolvidas num diálogo de vida com hindus, muçulmanos, budistas e outros, pode-se perguntar: quantas Irmãs receberam formação oficial em outras religiões?

O conhecimento básico de outras religiões para todas nós é importante, mas eu daria um passo a mais: precisamos de religiosas bem formadas, capazes de sentar à mesa quando os diálogos oficiais estiverem ocorrendo.<sup>23</sup> Isso implicará investir em recursos significativos na educação e formação das Irmãs para o diálogo inter-religioso. Há um crescente reconhecimento de que uma comunidade de apoio espiritual e profissional contínuo é fundamental para sustentar e nutrir líderes formadas no diálogo inter-religioso, não apenas durante seus anos de educação, mas também durante toda a sua vida profissional. Conferências e seminários, encontros

<sup>21</sup> Veja Aristóteles, *Ética Nicômaco VIII, 4, 25*, onde Aristóteles enfatiza que as amizades levam tempo para se desenvolver. As pessoas precisam de tempo para se acostumarem umas às outras, pois, “como diz o provérbio, não podem se conhecer antes de compartilharem o tradicional” pique ”do sal, e não podem se aceitar ou ser amigos até que cada uma pareça amável ao outro e ganhe a confiança do outro”.

<sup>22</sup> Veja Eugene Laverdiere, *Jantar no Reino, As Origens da Eucaristia Segundo Lucas* (Chicago: Liturgy Training Publications, 1994).

<sup>23</sup> Ao organizar eventos inter-religiosos, deve ser normativo que mulheres e homens trabalhem juntos no planejamento, execução e avaliação do programa. A esse respeito, homens e mulheres religiosos deram um excelente exemplo ao estabelecer a Comissão da UISG-USG para o Diálogo Inter-religioso. Desde 2002, essa comissão de dezesseis mulheres e homens reúne-se regularmente para “estimular a conscientização e desenvolver a compreensão entre as Congregações religiosas residentes em Roma sobre a importância do ministério do diálogo inter-religioso”. Outro exemplo é o Diálogo Inter-Religioso Monástico onde há mais de quarenta anos, onde monges e freiras têm estado em diálogo com Budistas, Hindus e Muçulmanos.

formais e informais, retiros e o uso de mídias sociais são essenciais para o compartilhamento de informações, aprimorando percepções e apoiando umas às outras.

As suposições e demandas do diálogo inter-religioso estão se tornando mais rigorosas do que nunca. O diálogo efetivo requer não apenas o reconhecimento de que todos os participantes sejam sinceros e de boa vontade, mas também inclui o exame cuidadoso de diferentes posições e a exploração criteriosa das suposições por trás delas. Para fazer isso, todo o conjunto de erudição e ciência moderna deve ser levado ao diálogo. Assumir o compromisso de preparar mais as religiosas para participarem plenamente junto com os homens no diálogo aumentaria a qualidade do diálogo e testemunharia mais credivelmente o ensinamento da Igreja sobre a igualdade e complementaridade de mulheres e homens.<sup>24</sup>

Existem numerosas instituições educacionais e oportunidades em Roma e em outras partes do mundo, onde bolsas de estudos estão disponíveis para apoiar as Irmãs que poderiam ser capacitadas para o diálogo inter-religioso (basta perguntar a Ir. Pat Murray para mais informações!).

#### ***Quarto, rezar; rezar pela paz entre pessoas de diferentes religiões***

Em seu discurso na Conferência da Fraternidade nos Emirados Árabes Unidos, o Papa Francisco disse:

... A oração é essencial: enquanto a oração sincera encarna a coragem da alteridade em relação a Deus, também purifica o coração de se voltar para si mesmo. A oração do coração restaura a fraternidade. Consequentemente, quanto ao futuro do diálogo inter-religioso, a primeira coisa que temos a fazer é rezar e rezar uns pelos outros: somos irmãos e irmãs! Sem o Senhor, nada é possível; com ele, tudo fica possível! Que a nossa oração - cada um segundo a sua própria tradição - respeite totalmente a vontade de Deus, que quer que todos os homens e mulheres reconheçam que são irmãos e irmãs e vivam como tal, formando a grande família humana na harmonia da diversidade.

[O Papa Francisco continua] Não há alternativa: construiremos o futuro juntos ou não haverá futuro. As religiões, em particular, não podem renunciar à tarefa urgente de construir pontes entre povos e culturas. Chegou o momento em que as religiões deveriam se empenhar mais ativamente, com coragem e audácia, e sem pretensão, em ajudar a família humana a aprofundar a capacidade de reconciliação, a visão de esperança e os caminhos concretos da paz.<sup>25</sup>

Aqui o Papa Francisco está incentivando as pessoas de todas as religiões a rezar pela paz. Eu faria um apelo a vocês, Superiores Religiosas. Eu sei que muitas de suas congregações missionam membros idosos para rezar por certas pessoas ou apóstolos. Seria possível pedir a algumas irmãs para rezar, por exemplo, para pessoas de outras religiões em seu próprio país e para a paz entre povos de diferentes religiões em partes problemáticas do mundo?

#### ***Quinto, veja o outro com os olhos de Deus: contemplação e diálogo***

Meu ponto final se concentra numa atitude fundamental de diálogo: olhar o outro com os olhos de Deus. Não é de se surpreender que o diálogo inter-religioso tenha florescido especialmente entre aqueles que compartilham entre si um diálogo de experiência religiosa. A contemplação como um modo de vida leva a pessoa não apenas a ver a Deus, mas também a ver os outros como Deus os vê. Em um relato bem conhecido por todos nós, o martírio dos sete trapistas na Argélia e o testamento comovente de Dom Christian de Chergé, há uma percepção do que isso pode significar. Seu *Testamento* tem um subtítulo “*Quand un À-Dieu s'envisage*” ou “quando um adeus é contemplado”. Muito mais forte que o equivalente em inglês, “despedida” adeus. A-Dieu significa literalmente “a Deus”. A palavra *en-visagé* significa visto ou contemplado, mas também pode significar algo que

<sup>24</sup> Veja Kathleen McGARVEY, OLA “A Igreja e as Relações Cristãs-Muçulmanas na África A serviço da Reconciliação, Justiça e Paz. Gênero: Onde estão as mulheres no diálogo inter-religioso?”, Trabalho apresentado na conferência da CAFOD / Heythrop em 28 e 29 de outubro de 2009, em Londres. [http://www.olaireland.ie/files/9714/1933/2213/The\\_Church\\_and\\_Christian-Muslim\\_Relations\\_in\\_Africa.pdf](http://www.olaireland.ie/files/9714/1933/2213/The_Church_and_Christian-Muslim_Relations_in_Africa.pdf) Veja também o seu livro *Mulheres Muçulmanas e Cristãs em Diálogo: O Caso do Norte da Nigéria* (Bern: Brill, 2009).

<sup>25</sup> Veja [http://w2.vatican.va/content/francesco/en/speeches/2019/february/documents/papa-francesco\\_20190204\\_emiratiarabi-incontrointerreligioso.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/en/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190204_emiratiarabi-incontrointerreligioso.html)

tenha recebido uma face ou tenha sido dado um rosto (de acordo com o pensamento filosófico de Emanuel Levinas). Assim, o subtítulo poderia significar "Contemplar quando Deus recebeu um rosto".<sup>26</sup>

Nesse contexto, talvez possamos entender as profundezas das palavras de Dom Christian:

E também você, o amigo do meu momento final, que não estaria ciente do que estava fazendo. Sim, eu também digo *Obrigado* e este "*À-Dieu*" para você em quem eu vejo a face de Cristo.<sup>27</sup>

Ao comentar esta passagem, Dom Armand Veilleux observa que "esta capacidade de ver a face de Deus, a encarnação de Deus, na pessoa que corta sua garganta é certamente o fruto de uma profunda vida contemplativa vivida em profundo relacionamento com um grupo de irmãos, com a Igreja e com toda a família humana"<sup>28</sup> Se "o diálogo é o novo nome para a caridade" (VC 74), então que maior expressão de caridade existe do que dar a vida pelos outros? Ao ler este relato comovente, é um lembrete de que *a melhor preparação para o diálogo é uma vida de contemplação*. É isso que nos permite ver o rosto de Cristo no outro e o que nos levará a um diálogo sem fronteiras.

Para concluir, gostaria de citar as palavras da Ir. Yvonne Gera, Missionária Franciscana de Maria, que trabalhou por vinte e dois anos na Argélia e conheceu pessoalmente todos os mártires argelinos recentemente beatificados. Quando perguntada sobre o que dizer às religiosas que vivem em países em crise, ela respondeu:

Nós somos missionárias. Aconteça o que acontecer, somos missionárias. Sabemos que essa é a nossa vocação e eu digo uma coisa: "você receberá mais do que você dá". Às vezes é difícil sim, mas o Senhor nos chamou. Se as pessoas sofrem, sofreremos com elas. É nossa vocação e o Senhor está sempre lá para nos ajudar. Mesmo no sofrimento ou no martírio. Esses 19 mártires sabiam que eram alvos, mas permaneceram. Não tenham medo, o Senhor está lá para ajudá-las.<sup>29</sup>

"Não tenham medo, o Senhor está lá para ajudá-las": estas são palavras encorajadoras também para vocês e para mim, enquanto abraçamos o chamado para participar do diálogo inter-religioso. Ao semearmos, corajosamente, sementes de esperança profética no mundo hoje, lembremo-nos destas palavras: "Não tenham medo, o Senhor está lá para ajudá-las".

---

<sup>26</sup> Armand Veilleux, "Comunidade, Igreja e a Vida Contemplativa", em *The Gethsemane Encounter. Um Diálogo sobre a Vida Espiritual de Monásticos Budistas e Cristãos*, Editado por Donald Mitchell e James Wiseman (Nova York: Continuum, 1999), p. 133

<sup>27</sup> Citado em Veilleux

<sup>28</sup> Veilleux, p. 133.

<sup>29</sup> Entrevista, 7 de dezembro de 2018 <https://zenit.org/articles/franciscan-sister-recalls-algerian-martyrs/>